

A DISCIPLINA DE ARTE NAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO DA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE QUALIFICA A FORMAÇÃO CULTURAL DOS JOVENS?

Celso Vitelli – UFRGS

RESUMO

Esse artigo faz parte de uma pesquisa que está realizando diagnóstico em 20 escolas de Ensino Médio da Região Metropolitana de Porto Alegre, sobre como são abordados os conteúdos de Arte e o que significa o ensino de tal disciplina para jovens entre 14 e 18 anos. Nesse processo se espera focar também como vêm se construindo as práticas dos professores e professoras de Artes, trazendo constantemente a reflexão sobre aquilo que vem acontecendo nesse campo [as aulas de Arte propriamente ditas] e sobre o público com o qual tais profissionais atuam, no caso, adolescentes e jovens. Minha intenção é a de problematizar e investigar através desse recorte a formação cultural dos jovens diante desta profusão de imagens e discursos, levando em conta especificamente um estudo concentrado na disciplina de Arte no ensino médio.

Palavras-chave: arte – escola – jovens – cultura – ensino médio.

ABSTRACT

This article is part of a research that is making the diagnosis in 20 high schools in the Metropolitan Region of Porto Alegre, about how the contents are covered and what art means the teaching of this discipline for young people between 14 and 18 years old. This process is expected to focus as well have been building practices of teachers' Arts, bringing constantly thinking about what is happening in this Field [Art classes themselves] and the public with which these professionals work, in this case, teenagers and youth. My intention is to discuss and investigate this by clipping the cultural education of young people faced with this profusion of images and discourses, consider a study specifically focused on the discipline of Art in education.

Keywords: art - school - young people – culture – high school.

O presente texto apresenta parte da pesquisa intitulada: *A disciplina de Arte nas escolas de ensino médio da região metropolitana de Porto Alegre qualifica a formação cultural dos jovens?* Iniciada em março de 2011. E até o presente momento foi realizado um diagnóstico em sete escolas de Ensino Médio da Região Metropolitana de Porto Alegre, sobre como são abordados os conteúdos da

disciplina de Arte e o que significa o ensino de tal disciplina para jovens entre 14 e 18 anos. Foram aplicados 240 questionários; 150 em escolas públicas e 90 em escolas particulares. Também foram entrevistados/as nove professores/as de Arte¹.

Nesta pesquisa² procuro trabalhar com os conceitos de estética e cultura existentes tanto no campo das Artes Plásticas que circulam dentro das escolas públicas e particulares e vêm construindo diferentes conceitos de cultura no senso comum e diferentes visões que alguns autores têm sobre este conceito. Para trabalhar com esses conceitos e relacioná-los com o ensino nas escolas, foram aplicados questionários escritos com adolescentes de 13 a 18 anos, por meio dos quais, procurei “compreender mais sobre o tempo presente, sobre a cultura que vivemos, sobre os modos de vida que produzimos e que nos produzem” (FISCHER, 2001, p.11), principalmente no campo da educação em arte e sobre o universo adolescente.

Ao costurar algumas das respostas obtidas através dos questionários realizados e das análises produzidas sobre tudo o que foi dito por estes jovens, dialogando com a literatura referida sobre o assunto, o eixo principal desta discussão foi o pensamento baudrillardiano, além de outros autores. Em um de seus textos publicados no jornal francês *Libération*³, Baudrillard (1999), em suas reflexões, parte desde o destino do nascimento artificial da criança, até o entendimento de uma adolescência sem fim que, como nos diz o autor, referindo-se à geração contemporânea,

[...] escapa ao olhar adulto, não se preocupa mais em tornar-se adulta – adolescência sem fim e sem finalidade que se autonomiza sem consideração pelo Outro, por si mesma e volta-se por vezes violentamente contra o Outro, contra o adulto do qual não se sente mais nem descendente nem solidária (BAUDRILLARD, 1999, p. 67).

Seria importante salientar, no texto de Baudrillard, a caracterização da criança, desde a artificialidade de seu nascimento até a “criança-clone”, cuja realidade, conforme o autor nos alerta, não pertence a um amanhã, a um futuro remoto, mas “já está presente no imaginário científico coletivo” (Baudrillard, 1999, p. 67). Seguindo seu raciocínio, o autor nos explica a afinidade da geração jovem com as novas tecnologias do virtual, referindo-se ao privilégio obtido através da instantaneidade.

É partindo deste cenário que, apresentado talvez de uma forma um pouco apocalíptica por Baudrillard, acompanho a atuação destes adolescentes nos espaços escolares. Arrisco dizer que a palavra “fóssil”, utilizada pelo autor para referir-se ao adulto, não seria um exagero diante de certas práticas cotidianas, tanto sociais quanto escolares. Desta forma, acredito nas cenas baudrillardianas diárias, como adolescentes de 13 ou 14 anos ensinando suas professoras a usarem certos programas de computador ou discutindo cenas sobre filmes ou novelas, opinando sobre problemas ou situações que há bem pouco tempo não faziam parte do seu universo. Além disso, também somos questionados por estes adolescentes sobre os mais diversos assuntos.

Desse modo, foi na velocidade e na linguagem da comunicação contemporânea utilizada que os adolescentes responderam sobre os mais diversos assuntos, sejam eles do seu [nosso] dia-a-dia ou mais distantes.

Respostas que marcam a condição contemporânea dos adolescentes entrevistados

Dos questionários respondidos até o momento para a pesquisa, destacamos o de Marco, a que quando perguntado sobre as suas aulas de Artes e sobre como ele se sentia em relação a esta disciplina, sua resposta foi a seguinte: *“Eu achava que era legal [...]. Mas eu acho que tem coisa mais importante do que as artes”*. Dentro desta mesma resposta ele foi mais adiante, apresentando todo um quadro sobre a sua professora de Artes (2010)⁴, demonstrando, desta forma, alguma coisa que teria legitimado a sua falta de interesse pela arte. Certamente, não posso fixar em Marco uma indignação pela falta de interesse em relação à arte ou à prática do ateliê na escola. Este discurso desenha certo “desprezo” para com o ensino de arte que já está posto, não é um discurso de Marco. E este discurso está tão “bem” colocado e sustentado no campo escolar, que o próprio aluno se utiliza dele para explicar o porquê da existência de outras disciplinas mais importantes do que a das artes. Ele diz: *“[...] eu acho que sempre tem umas disciplinas mais importantes e outras não. Tanto é que, pela carga horária, né, tem mais períodos de tal coisa e outras não”*.

A princípio, baseado em algumas das respostas⁵ obtidas dos adolescentes, o estudo sobre o assunto **arte**, para alguns deles, poderia ser classificado como “fóssil”, usando uma palavra empregada anteriormente por Baudrillard. Marc Jimenez (1999, p. 9) nos responderia que “os professores das disciplinas artísticas sabem muito bem que se beneficiam de um *status* particular, incapaz de rivalizar com o de seus colegas da Matemática, das Letras ou da Lingüística”. Parece-me que, na história do ensino, o “Partido das Artes” tem tido menos tempo de exposição nas diferentes mídias [para dizer ao que veio] do que os seus outros “concorrentes”. A consciência deste *status* particular pode ser lida em um depoimento da professora (Bárbara), entrevistada por Luciana Loponte (1998) em sua dissertação de mestrado. Ela nos diz o seguinte:

[...] Às vezes tu te deparas com tantos problemas, em relação a tua disciplina de artes, que dá vontade assim: ‘Que bom seria...’. Eu já me peguei dizendo isso: ‘Que bom seria se eu desse Matemática, pelo menos ninguém iria me contestar no que eu estou dizendo, no que eu estou falando’ (LOPONTE, 1998, p. 118).

Outro exemplo que ilustra bem esta posição é a resposta da adolescente Betina, quando ela afirma que existe uma hierarquia entre as disciplinas do colégio. A menina afirma: “Eu não coloco em primeiro, segundo, a importância. O colégio coloca, naturalmente. Os meus professores colocam”.

Pergunto desta forma, sobre este “tratamento” que vem sendo dado à disciplina de Arte. Qual o lugar/o tempo que ocupa a arte na educação? Não se trata de querer privilegiar a posição do ensino de arte na escola ou, muito menos, de inverter o *status* que foi dado a esta disciplina. Talvez, em relação à primeira pergunta, poderíamos encontrar nas palavras de Baudrillard uma das possíveis respostas, ou pelo menos parte delas: “Num mundo voltado à indiferença, a arte só pode acrescentar a essa indiferença” (1997, p. 84).

Também me interessou levantar aqui quais seriam os valores estéticos eleitos por essa parcela de adolescentes hoje diante da diversidade de imagens e conceitos e, quais seriam os conceitos que envolvem beleza e onde eles a vêem. Estas questões podem vir a alimentar a prática cotidiana do trabalho dos profissionais que atuam no Ensino de Arte. Acredito que, através deste tipo de pesquisa, poderemos conhecer mais para melhor interferir, construir ou desconstruir pensamentos dos adolescentes acerca destes assuntos.

Marc Jimenez (1999), no prefácio do seu livro *O que é estética?* nos questiona sobre qual seria a contribuição da arte no campo do conhecimento, associando a estética como herdeira da mesma ambigüidade nela verificada. Ele escreve que:

Da ciência esperam-se descobertas que influam diretamente sobre nosso ambiente; da técnica prevêm-se progressos que facilitem nossa ação sobre o mundo; da ética esperam-se regras de conduta que guiem nossos pensamentos e nosso comportamento; porém, poderemos extrair da arte um ensinamento tão útil, sério, rentável quanto aquele dispensado por essas outras disciplinas sensatas? (JIMENEZ, 1999, p.11).

A questão posta pelo autor nos leva a pensar e questionar a existência dessa ambigüidade, uma vez que estaria, já na realização dos projetos dos artistas, no exercício da criação, o papel de seriedade da arte. Em contrapartida, concordo que a rentabilidade e a utilidade não seriam incumbências pertinentes ao mundo artístico. Logicamente a extensão deste assunto exigiria um aprofundamento maior, que neste texto não poderia ser desenvolvido com o devido cuidado. Por outro lado, podemos considerar pertinente a relação que o autor estabelece entre o belo e o sublime; na sua visão, “o belo é harmonia, o sublime pode ser disforme, informe, caótico. Prazer para um, dor e prazer para outro” (JIMENEZ, 1999, p.144). Diante dessa afirmativa, pergunto se estaria aí a explicação para a beleza vista por certos adolescentes em suas respostas nas cenas mais prosaicas, nas paisagens, namorados/as e, uma grande dos entrevistados, dizem não ver beleza “em nada”. Talvez a demonstração de alguma falta de harmonia em geral, nas áreas da arquitetura, da música, das artes e da cultura em geral, esteja colaborando para a construção de uma apreciação estética diferente da que tínhamos até então. São certas suposições que levanto para entender um pouco mais sobre aquilo que talvez não tenha nenhuma explicação definitiva dada pela história, mas que nos surpreende diante de tantas visões diferentes daquilo que possa ser belo para uns e para outros não.

É difícil escrever sobre a existência de “uma estética contemporânea”, ou uma estética específica de adolescentes de diferentes classes sociais, até mesmo porque o próprio conceito da palavra estética aponta para diferentes discursos acerca da mesma. Em seu livro, Jimenez cita as idéias de Hegel⁶ sobre estética, chamando a atenção para o fato que já em 1805, o filósofo alemão questionava a existência de

uma disciplina sobre estética na universidade e, em substituição a este termo, pareceu-lhe mais adequado o uso da filosofia da arte para tratar deste assunto.

Quando vejo certos grupos de jovens adolescentes de diferentes escolas da grande Porto Alegre (públicas e privadas) visitando exposições de arte contemporânea em galerias, museus, bienais, a possibilidade⁷ de uma identificação maior por parte deles com a vertente da arte na qual muitos artistas abordam o tema do cotidiano em seus trabalhos parece mais próxima. Desta forma, em certos momentos, presenciei que a distância ora existente entre a obra e o público parece diminuir diante da exposição de propostas interativas, bem como através dos ícones do cotidiano que ora aparecem super valorizados nestas obras (personagens de história em quadrinhos, atrizes/atores – nacionais ou internacionais; enfim, toda uma diversidade de imagens que desfilam em torno deste tema).

Para alguns adolescentes, a relação com a arte passou a ser vivida como um divertimento, uma recreação. Esta identificação ligada ao divertimento se processa até pelos próprios meios e temas com os quais os artistas vêm utilizando a mediatização. Repito a pergunta de Jimenez:

Se as práticas artísticas se baseiam na quantidade de banalidades cotidianizadas — dou uma volta ao museu antes de ir para o escritório — a relação entre a arte e a realidade não correrá o risco, por consequência, de ser vivida como um divertimento, uma distração pura e simples, uma “recreação dominical” como já o lamentava Ionesco? (JIMENEZ, 1999, p.16).

Talvez a relação do olhar que o adolescente esteja dedicando à arte seja muito parecida com a relação que ele estabelece com a Internet ou com televisão. Em relação à última, o seu olhar é guiado pelo recurso do *zapping*, passando por filmes, desenhos, noticiários, *clips* musicais — tudo isto acontecendo numa fração de segundos. Estamos vivendo em um tempo no qual predomina a experiência imediata, a rapidez. E esta rapidez vem se materializando também na produção plástica de crianças e adolescentes.

Como educador, acompanhei jovens adolescentes nas suas aulas práticas de ateliê, nas quais o envolvimento dedicado por eles/elas às propostas de trabalho em arte era cada vez mais veloz. Na maioria das vezes, as propostas de trabalho em arte necessitam de um tempo maior de envolvimento, e exigem também

continuidade para que o aluno possa desenvolver um processo de trabalho seu. As experiências neste campo têm apontado visões de uma continuidade construída através de constantes descontinuidades, ou seja, *grosso modo*, eles estão fazendo um trabalho velozmente, envolvendo-se o mínimo possível, perguntando qual será a próxima proposta. Enfim, continuamos trabalhando descontinuamente, ou seja, faltaria equacionar melhor a relação diversificada que os adolescentes têm com os estímulos sonoros e visuais (sons e imagens oriundos dos vídeos, televisão, *Internet*, etc.). Existe uma gramática nova para a atenção e para a concentração que deve ser pesquisada. Para Janice Caiafa, “o imediatismo ditado pelo mercado e a exigência do aspecto ‘aplicado’ para o saber vão contra o processo de criação na arte e no pensamento” (2000, p.23).

Parece que estes adolescentes já entram em aula com o olhar de quem não tem muito tempo “a perder”. Eles muitas vezes parecem estar nos dizendo com seus comportamentos e ações que “já fizeram tudo” (esboçado em um gesto que se resume apenas a um risco no meio da folha de desenho). “É arte contemporânea *so!*”, afirmam alguns em um tom irônico. Em atitudes como estas penso o quanto eles não conseguem mais tolerar aquilo que dura muito tempo, que tenha que ser planejado, rascunhado; que exija um pensamento mais elaborado diante do tema com o qual estejam trabalhando. Mais uma vez, questiono como trabalhar com um tempo em que a relação produção/apreciação da arte tem que ser rápida. Trabalhar com a velocidade acelerada em relação à arte, tanto na sua produção como na sua apreciação, vem dissolvendo muitas propostas de ensino na área, fazendo com que elas percam sua consistência como experiência, conhecimento; deixando a desejar tanto a produção destes estudantes, quanto a sua relação de contemplação com as artes em geral (música, pintura, poesia, cinema).

Esta relação de rapidez destinada à produção/contemplação do adolescente com a arte/produção não se construiu somente por parte deles, obviamente. O papel das escolas, que vêm reduzindo o tempo destinado aos períodos de arte, colaborou, e muito, para que o entendimento que o adolescente tem sobre esta disciplina seja a experiência de um contato rápido, fugidio. Hoje fala-se muito nas “competências” que as crianças e adolescentes devam ter dentro de cada área na educação. Sendo assim, quais seriam as competências necessárias que formariam este sujeito no campo de conhecimento da arte, e para quê? As visitas aos museus acontecem, as

imagens de arte são vistas através da Internet, de vídeos, ao vivo [quadros, esculturas, instalações], mas são contatos de apreciação diferentes de 20 ou 30 anos atrás. A relação existente entre o público e as obras de arte na atualidade mudou. A antiga experiência de estética tradicional, na qual o público jamais poderia encostar um dedo sequer numa obra de arte, permite hoje tocar-las para que tais obras tenham sentido.

Outro ponto a ser considerado neste contato do adolescente com a arte tem a ver com a escassez da produção de materiais de qualidade sobre arte produzida em diferentes linguagens e meios para as escolas como: televisão, revistas, Internet dirigido especificamente⁸ ao público adolescente. O que temos no mercado seria voltado muito mais para as crianças (e ainda assim não em grande quantidade). É lógico que sobre cultura, no seu conceito mais amplo, circulam algumas reportagens nos encartes de jornais e revistas destinadas ao público de adolescentes, que tentam realizar um papel pedagógico em relação ao conhecimento sobre o campo da arte. Acredito ser importante salientar que, tanto a informação sobre o campo da arte quanto à informação sobre a cultura em geral (música, teatro, literatura) vem sendo obtida pelos adolescentes principalmente através da Internet e de outras mídias (impressa, televisiva, etc.).

Adolescentes de diferentes classes: recortes sobre o cotidiano escolar e o ensino de arte

Um questionamento se dá sobre o espaço de construção que tem sido dado à sensibilidade no seu termo mais amplo. Ou seja, no que a escola, a mídia, a família, têm ajudado na construção de um ser sensível, apreciador dos diferentes tipos de beleza existente no mundo? E mais, quais são hoje as “belezas” endereçadas, mostradas à apreciação do público (criança/adolescente/adulto)? Segundo Peter Brooker, o termo estética tem tanto um uso restrito quanto amplo. A estética, assim sendo, abrange o estudo de qualquer ou de todas essas coisas. Tradicionalmente, para Brooker⁹, ela se relaciona com a natureza, percepção ou julgamento de beleza.

O que o adolescente tem nos mostrado através da sua aparência, gestos, falas, dependendo do grupo ao qual ele pertence, pode ser um desafio aos cânones estéticos construídos e apreciados pelo mundo adulto. Muitas vezes, estes jovens se

enfeiam, contradizendo, desta forma, o conceito estético tão arraigado no mundo adulto. Segundo Calligaris (2000, p.50),

[...] assim como o adolescente pode parecer contestar a idolatria do valor financeiro, econômico (por exemplo, recusando-se a ostentar os apetrechos desse valor nas vestimentas e em outros símbolos tradicionais de riqueza), tornando-se feio ele poderia criticar um sistema que valoriza a deseabilidade dos corpos como razão do reconhecimento social.

Se existe uma transgressão, uma ruptura de uma estética anteriormente construída por parte do público adulto, então assistimos também a apresentações estéticas de adolescentes, sejam elas tribos *clubbers*, *punks*, *mauricinhos*, *patricinhas*, *lolitas*, etc. Os conceitos que se tem sobre o termo estética construídos na história (em geral), passam obviamente pela construção do pensamento do adolescente em relação ao que apreciar, ao que possa ser belo. Talvez, os conceitos aprendidos sobre estética na escola, na família, nos grupos, se incorporam, se engendram, espelhando o leque de possibilidades de interpretação deste termo. Se o olhar do adolescente deixou de ser atento em relação à alta cultura, certamente também são reflexos do espelho de interesses ideológicos de uma época. Ou seja, ensina-se também na família, nas escolas, nos grupos (tribos), na mídia, que se dá uma “certa” importância para a arte, sim, mas que seja algo rápido, só para não passarmos despercebidamente sobre este assunto.

Ao conversar com vários adolescentes, muitos deles relataram que foram visitar o espaço do Santander Cultural¹⁰, por exemplo, falaram muito da sua arquitetura, da beleza do espaço, mas pouco sabiam ou comentaram sobre as obras de arte então expostas naquele espaço. Lembrando Canclini, talvez isto possa estar acontecendo por que se os museus procuram seduzir “o público através da renovação arquitetônica e dos artifícios cenográficos, é — também — porque as artes contemporâneas já não geram tendências, grandes figuras, nem surpresas estilísticas como na primeira metade do século” (2000, p.65).

Logicamente, toda esta prática amplamente explicitada, na qual se faz a ligação do termo estética muito mais à moda, ao comportamento, aos cuidados com o corpo do jovem adolescente, dificulta para os mesmos a indagação de qual seria a real importância de uma relação mais próxima com artistas/obras de arte/a criação (do próprio adolescente também) em si. Arrisco dizer que evidencia-se a falta de um trabalho mais diversificado no Rio Grande do Sul, o qual atinja as diferentes

manifestações artísticas. As ações culturais do Estado não são tão fortes em termos de interpelação do público jovem, em comparação com a mídia. Os “atrativos” da mídia se engendram numa teia que atende, pelo menos, grande parte do público adolescente. Seria até mesmo inócua a comparação entre os recursos de atração provenientes da mídia, que promovem novos ou repetidos conceitos de estética, e os pouquíssimos recursos destinados à veiculação da arte em nosso país. Para Joffre Dumazedier (1999, p.166),

[...] a iniciação às artes e à literatura, que os professores efetuam pacientemente, precisa ser prolongada por toda uma rede de atividades cinematográficas, teatrais, plásticas, literárias, que não poderiam ser estimuladas unicamente pelo conteúdo dos jornais e das revistas vendidos nos quiosques. Seria preciso aumentar o número de edições, instituições, agrupamentos que ensinam como escolher e que, eles mesmos, difundem, em todos os meios, obras ao mesmo tempo belas e sedutoras.

A rede de atividades apresentadas hoje aos adolescentes pelas revistas, pelos programas de televisão, de rádios, os livros, os *shows*, estariam desempenhando plenamente o papel de *prolongadores* da iniciação às artes [em geral] e à literatura (como bem expõe Dumazedier acima)? Por não acreditar numa experiência estética que limite a criança, o adolescente ou o adulto somente ao contato direto com as obras de arte que estão em museus ou galerias, penso em como tem acontecido a extensão do encontro com a estética (no seu sentido mais amplo) hoje. Acredito no papel da arte através de seus textos e da exibição de suas obras ao público, como mais uma via necessária no processo de construção dos conceitos de cultura e estética. Para que este processo aconteça é necessário o ver/apreciar/discutir tanto o quadro de um artista plástico, por exemplo, quanto os cenários de um filme como *O mundo imaginário do Dr. Parnassus* (2009), certas propagandas de televisão e de *outdoors*, os videoclipes da MTV. Enfim, o povoamento destas imagens tendem (ao serem analisadas) a construir possíveis conceitos no campo da estética.

Pergunto hoje também, sobre a arte e o diálogo estabelecido com a utilização de novos meios, de uma acessibilidade maior (através da televisão, *Internet*)? Quais os temas que estão gerando discussões neste campo?

Em muitas respostas dos jovens adolescentes nos questionários aplicados, aparece certo desencantamento de alguns com as artes visuais¹¹, muitas vezes

descritas nas palavras dos adolescentes como “chatas”, “desinteressantes”, “difícil de entender”, “muito abstratas”, como “algo que pertence ao passado”. A arte é vista nos dias de hoje, pelo/as alunos/as e professores/as, através de uma das frases mais recorrentes: “é uma forma de se expressar”. A arte, em 57,4% das respostas dos entrevistados, também é vista como algo de difícil entendimento por parte dos estudantes. Por parte de outros, existe um respeito, uma admiração ainda pela palavra “arte”, mas muito ligada a algo que ficou somente no passado. Já com a música a identificação se dá de uma maneira mais próxima, talvez porque o meio de difusão seja mais acessível. A música certamente é vista, além da facilidade do acesso e da sua difusão, como um aspecto do lazer quase cotidiano. Basta ver a quantidade de pessoas que carregam seus *iPods*, ligam o rádio do carro ao entrar — em muitas escolas particulares, o recreio é sempre com música [na maioria das vezes, é uma iniciativa do grêmio estudantil]. Com uma presença diversificada dos mais variados grupos musicais ou cantores e cantoras, a relação do adolescente com a música talvez tenha uma penetração maior no seu universo devido, também, ao caráter fugidio/efêmero que existe tanto no surgimento e permanência destes grupos/cantores quanto nas temáticas musicais expostas pelos mesmos. Para Fischer (1996, p. 53), “a música talvez seja a forma de expressão que mais une e identifique os jovens. Sua vida cotidiana é pontuada pelos sons, ritmos e letras que ouvem nas rádios e nos discos”. A autora, mais adiante no seu texto, levanta a importância do surgimento de novos grupos musicais, cantores; enfim, todo o aparato que envolve o mundo das rádios FM e sua variedade de ofertas musicais.

É visível também, principalmente sobre aquilo que seria belo para o adolescente, a presença de frases e poesias que circulam há muito e são universais. Exemplo: a frase de Bob Marley, “Amo a liberdade, por isso deixo livre as coisas que amo, se elas voltarem é porque as conquistei, se elas forem é porque nunca as possuí.”¹² Exatamente por manterem um caráter universal (e isso pode acontecer com a música também), as frases de Bob Marley, ou de pensadores anônimos, circulam pelo mundo com a vantagem de permanecerem durante um tempo maior (principalmente os ditos “pensamentos”) do que as músicas, que, navegando no mar midiático, tendem a uma duração de vida mais curta.

Relendo os questionários, observo que alguns adolescentes “acham legal desenhar, fazer isto ou aquilo”. Este **fazer** ao qual eles se referem, e que aparece na

maioria das respostas, está sempre ligado ao aprendizado de uma técnica, que, geralmente, é o desenho. Encaramos com certo desconforto aquelas aulas de arte que têm em seu programa de curso somente o fazer, a prática de ateliê. Que tipo de educação estética está sendo construída neste fazer? Quais as novas ou antigas culturas são conhecidas? Acreditamos que não seja só o fazer que dá ao aluno uma concepção daquilo que possa ser arte, cultura e estética do cotidiano. De como podem ser questionados *certos tipos de arte* e também a própria estética do cotidiano?

Os adolescentes que responderam às questões sobre as aulas de Arte sinalizaram gostarem das mesmas, mas geralmente se referindo ao conhecimento que obtiveram na prática de ateliê. Questionados sobre as lembranças das aulas de Arte, 29,7% dos entrevistados afirmam ter “boas lembranças” Já 31,8% dos jovens mencionaram somente a palavra “desenho” como resposta à pergunta, evidenciando certa redução de outros conteúdos que deveriam ser trabalhados em tais aulas. Foram poucos os que mencionaram, por exemplo, a importância que teria uma discussão a respeito de um filme, ou de uma campanha publicitária, e quando mencionado, não foi visto como algo diretamente ligado às aulas de arte na escola. Um exemplo disto estaria na fala de Luciano, quando ele foi questionado se seria interessante que as aulas de Arte não ficassem só no desenho, mas que também abordassem temas de filmes ou videoclipes. A resposta foi, *“seria bem legal se a gente saísse pra ver um estúdio de desenho, por exemplo. Não sei se existe estúdio de desenho. Mas acho que deve existir. Ou então como é que se faz um filme, assistir a uma gravação”*.

Em uma resposta de outra adolescente, quando questionada sobre qual seria a disciplina que ela mais gostava, citou sete, entre as que mais gostava e as que mais “detestava, tinha pavor, odiava” (usando os termos utilizados pela adolescente). A disciplina que ela elegeu entre as quais mais gostava foi a Matemática. Observamos entre os comentários bons e ruins, que várias disciplinas foram citadas, tanto da área humana quanto da área das ciências exatas, exceto artes. Como nos lembra Shusterman (1998, p.114), de uma maneira geral “gostamos daquilo que somos treinados e condicionados a gostar e daquilo que as ocasiões e as circunstâncias nos permitem achar bom”. Sobre a afirmação do autor, nos assusta um pouco utilizar palavras como “treinar” e “condicionar” em relação ao

gosto, mas, ao mesmo tempo, vemos nelas um alerta sobre a formação que as crianças e adolescentes têm recebido para construir suas noções sobre arte, gosto e estética. Por exemplo, começa-se a construir o raciocínio de que se alguém tem um bom conhecimento matemático/físico/químico certamente se sentirá “bem treinado” para enfrentar um concurso como o vestibular e, certamente também, esta pessoa dedicará a maior parte do seu tempo escolar/ou de estudo a determinadas disciplinas que ofereçam uma possibilidade maior de sucesso. O condicionamento pode acontecer positivamente/negativamente em relação a estas; ou melhor, levar o adolescente a gostar mais de determinadas disciplinas ou, ao contrário, a até mesmo odiá-las.

Em relação às visitas aos museus, que poucos adolescentes mencionaram em suas respostas, aqueles que os freqüentaram afirmavam ter gostado de tudo: da visita, das obras em geral; mesmo que muitos não tenham entendido nada sobre o que estava exposto diante deles. Não se espantaram diante de uma ou outra obra que não tem nada a lhes dizer; a indiferença lhes pareceu a melhor resposta. Afastam-se, porque não sabem, nem tem importância saber. Para quê? Cai no vestibular?

Resultados parciais da pesquisa, por exemplo, sobre como a disciplina de Artes qualifica a formação cultural dos jovens entrevistados, apontam, através das respostas dos estudantes até então entrevistados, que tal disciplina traz “conhecimentos sobre cultura” (15,82%). Por outro lado, 14,38% dos jovens afirmam que as aulas de Arte “em nada influenciam” na sua formação cultural, 8,1% acham as aulas “divertidas”, entre outras respostas. Já os/as professores/as de Arte do ensino médio enfatizam, quanto ao uso de novas tecnologias no ensino de Artes, por exemplo, que apesar de serem importantes, os professores da área não tem formação complementar que atenda essa demanda, necessitando de urgente instrumentalização. Sobre os planos futuros ou sonhos de vida, 47,2% dos jovens entrevistados querem “fazer faculdade” e, ao mesmo tempo, querem “ser bem sucedidos”, segundo eles/as. Nessa direção, a pesquisa tem levantado dados e evidenciado necessidades sobre os modos que a universidade e a escola, pesquisa e ensino, podem se aliar para tornarem o ambiente escolar *stricto sensu* um espaço em que o Ensino de Arte e as diferentes manifestações culturais possam ser trabalhadas nos seus aspectos mais amplos.

Finalizando, percebo que a visão que temos sobre o panorama endereçado ao adolescente no campo da arte/estética em geral, e o que esta geração está construindo com todas estas informações, vêm transformando e reelaborando conceitos fundamentais e que permeiam o cotidiano de nossas salas de aula e, certamente, influenciam a reelaboração de planejamentos, interesses que constroem a disciplina de arte. Para tanto, acredito neste estudo sobre a estética contemporânea como algo permanente. Assim, conhecendo cada vez mais um pouco sobre o tempo presente, poderemos mudar a premissa de Rosa Fischer, no que se refere ao endereçamento de nossas aulas e de nossos currículos. Como afirma a autora, “talvez não tenhamos ainda conseguido uma sintonia com estes novos alunos” (Fischer, 2001, p. 32). E é exatamente a busca de uma sintonia maior entre professores/alunos que motiva a realização desta pesquisa.

¹ O tratamento das respostas relativas aos questionários dos professores não são tratadas em profundidade neste artigo por não ter um número de respostas suficientes para análise.

² Texto produzido a partir da pesquisa: Juventude e Cultura: de que forma a disciplina de Arte no ensino médio qualifica a formação cultural?

³ Texto: “O continente negro da infância”, in: BAUDRILLARD, Jean. *Tela-Total: Mito-Ironias da Era do Virtual e da Imagem*. Porto Alegre: Sulina, 1999.

⁴ O quadro apresentado por Marco é de que sua professora era desorganizada na preparação das aulas, não tinha paciência. Enfim, seus argumentos demonstraram que a relação dele com a professora, poderia ter afetado a relação aluno/professor.

⁵ Surgiram mais de sessenta códigos de respostas dos questionários dos adolescentes sobre como eles viam a arte nos dias de hoje, o maior número de respostas semelhantes, encontram-se na frase: “*Meio apagada. Desvalorizada infelizmente. A arte é esquecida e não tem seu valor real. As pessoas não se interessam por ela*”.

⁶ Ver p.166 em: *O que é estética*, de Marc Jimenez.

⁷ Conversando com alguns adolescentes de classe média/alta é que retive estes pensamentos sobre a sua relação com o campo das Artes Plásticas.

⁸ Quando refiro-me à palavra “especificamente”, estou querendo dizer que não existem materiais com linguagens atrativas para os adolescentes. Porém, são poucos os vídeos, por exemplo, que abordam o conceito de arte no seu sentido mais amplo – tratando (exemplificando novamente) de desenhos de tatuagens, grafite; enfim, onde exista o cruzamento das diferentes artes. Mesmo os vídeos que existem sobre os movimentos artísticos, na sua maioria, têm uma apresentação [tanto de narração, quanto de imagens] pouco atrativa para o público adolescente.

⁹ O termo foi o primeiro usado nesse sentido no século XVIII e estética tem sido uma parte proeminente da filosofia germânica, mais influentemente na obra de Kant. A tendência nesta discussão tem sido tentar identificar aspectos transcendentais e eternos de beleza e discriminá-los em oposição ao que é contingente e, por consequência, não é arte (...) (BROOKER, 1999, p.2-3).

¹⁰ O Santander Cultural é um prédio tombado pelo patrimônio histórico, que localiza-se na Praça da Alfândega em Porto Alegre. Antiga sede dos bancos Nacional do Comércio e Sul Brasileiro foi construído em estilo neoclássico entre os anos de 1927 e 1932, fazendo parte de um conjunto arquitetônico da região central. São cerca de 5.600 m² de área construída.

¹¹ Refiro-me às artes visuais porque, dentro deste mesmo instrumento, a relação do jovem com a música é outra, pautada pela aproximação, pelo interesse, pelo envolvimento. Deve ficar claro que as artes visuais às quais refiro-me neste momento, dizem respeito ao conjunto das obras expostas em museus, galerias de arte, bienais ou até mesmo às reproduções de obras de arte que chegam ao adolescente através de livros, de aulas expositivas, etc.

¹² Ver VITELLI, Celso. **Estação Adolescência: Identidades na Estética do Consumo**. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação/UFRGS: Porto Alegre/RS, 2002.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **A Arte da Desaparição**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

_____. **Tela Total**: mito-ironias da era do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina, 1999.

_____. **A Troca Impossível**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BROOKER, Peter. **A Concise Glossary of Cultural Theory**. New York: Arnold, 1999.

CAIAFA, Janice. **Nosso Século XXI**: notas sobre arte, técnica e poderes. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

CALLIGARIS, Contardo. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2000.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em Discurso**: mídia e produção de subjetividade. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1996.

_____. **Televisão & Educação**: fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

JIMENEZ, Marc. **O Que é Estética?** São Leopoldo/RS: Ed. UNISINOS, 1999.

LOPONTE, Luciana. **Imagens do Espaço da Arte na Escola**: um olhar feminino. Campinas, 1998. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

Celso Vitelli

Possui Doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008). Atualmente é professor no Curso de Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS. Tem experiência na área de Educação com ênfase em Ensino de Arte, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura, arte, masculinidades, adolescência e juventude.